Motrivivência v. 27, n. 45, p. 262-279, setembro/2015

http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p262

O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma experiência no ensino fundamental

Raphael Gregory Bazílio Lopes[1]
Tiemi Okimura Kerr[2]

RESUMO

A Educação Física brasileira é controversa quanto aos seus conteúdos: ao mesmo tempo em que se declaram diversas possibilidades de tematização, nota-se que aquelas que se apresentam no cotidiano das aulas são retratos da área em décadas passadas. O estudo tem o objetivo de relatar possibilidades de inclusão das Lutas nas aulas de Educação Física para alunos do sexto ano do ensino fundamental a partir de jogos. Foi proposto um percurso com quatro situações de aprendizagem em que se buscou a compreensão e a experimentação dos princípios condicionais das Lutas e suas classificações por tipo de contato e distância. Destacam-se as aprendizagens que permitiram a interconexão entre o saber fazer e as razões do fazer nas diferentes situações-problema. Além disso, esta experiência rompe com alguns paradigmas recorrentes, como a questão da violência ou a necessidade de ser especialista em Lutas para abordá-las.

Palavras-chave: Cultura de Movimento; Educação Física Escolar; Lutas

1 Especialista em Ética, Valores e Cidadania na Escola. Professor de Educação Física da Rede Municipal do Ensino de São Paulo e da Rede Estadual de São Paulo. São Paulo/SP, Brasil. E-mail: raphael.gregory@hotmail.com

2 Mestre em Pedagogia do Movimento. Professora de Educação Física da Rede Estadual de São Paulo. Professora do Centro Universitário UNISANTAT'ANNA, São Paulo/SP, Brasil. E-mail: tiemiok@yahoo.com

INTRODUÇÃO

É imenso o universo de manifestações corporais em que as pessoas podem se engajar, todavia, ao analisarmos o **tempo e** o espaço da escola e das aulas de Educação Física, constata-se que as possibilidades de movimento existentes permanecem quase as mesmas de períodos distantes, apesar do movimento iniciado na década de 1980, que aponta para temáticas que inter-relacionam educação, cultura, corpo e movimento humano (KUNZ, 2006).

Nessa época, várias inquietações impulsionaram o aumento do debate acadêmico na Educação Física, em que passou a ser questionado o seu ensino tradicional, tecnicista e esportivista, a partir de diversas proposições teórico-metodológicas (BETTI, 2011). Daolio (2007) argumenta que o predomínio biológico passou a ser questionado e que a questão sociocultural começou a ganhar força, dada a infusão de outras áreas do conhecimento oriundas das Ciências Humanas (Antropologia, Sociologia, História, etc.) na discussão cultural da área.

Surgem então novas maneiras de se pensar e fazer Educação Física, que reconhecem a pessoa como autora de seus movimentos, nos quais múltiplos fatores – emoções, desejos, possibilidades, etc. – podem interferir em sua prática corporal. Práticas reconhecidas como formas de linguagem que, sinteticamente, se expressam em Jogo, Esporte, Ginástica, Atividade Rítmica e Danças e Lutas, elementos da **Cultura de Movimento** (BETTI, 2011).

Compreende-se que todas as manifestações corporais humanas são gestadas na dinâmica cultural, cada qual com seus significados próprios, de acordo com o contexto dos grupos em que estão inseridas. Portanto, cabe a Educação Física escolar tratar da transposição didática dos conteúdos inerentes ao movimento humano, produto e processo dinâmico característico de uma sociedade que a ele atribui valor.

Lembrando que, na direção indicada por Betti (2011) e Daolio (2007) caminha o Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo[3] (SÃO PAULO, 2010), ao compreender que o enfoque cultural leva em conta a pluralidade de manifestações corporais em que os alunos podem se relacionar. Para tanto, o professor deve selecionar conteúdos que desvelem os diferentes significados e sentidos que podem ser expressos pelos alunos em diversas manifestações corporais, ampliando as possibilidades de tematização presentes no universo da Cultura de Movimento. Também deve considerar objetos de aprendizagens que se coadunam com a experiência real do aluno, levando-os a pensar como a realização do movimento se modifica em diferentes contextos.

Nesse sentido, compreende-se que todas as possibilidades da Cultura de Movimento têm espaço na escola, inclusive as **Lutas**, cujo tratamento didático ainda parece incipiente, haja vista a precariedade de estudos relacionados ao conteúdo (AGUIAR, 2008; ALMEIDA, 2012; BREDA et al. 2010; GOMES, 2008; NASCIMENTO, 2008; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; RUFINO, DARIDO, 2012).

3 Esta possibilidade de inserção das Lutas foi pensada e aplicada em uma escola da rede estadual paulista, logo, as experiências didáticas dialogaram com o currículo oficial adotado.

Matos et al. (2013) analisaram as produções acadêmicas que tratam sobre os conteúdos de ensino da Educação Física escolar entre os anos de 1981 a 2010, em 146 artigos distribuídos em 14 periódicos, e constataram que os Esportes ocupam 29% dos trabalhos analisados, enquanto as Lutas ocupam apenas 2% (desconsiderando a Capoeira que foi categorizada separadamente com 3%). Os autores apontam que, enquanto a publicação sobre outros conteúdos se propagava a partir de 2001, os estudos sobre as Lutas só iniciaram em 2007. Fica evidente a necessidade de aumentar a produção acadêmica sobre o conteúdo, incidindo nas compreensões conceituais, procedimentais e atitudinais acerca dessas práticas corporais (RUFINO; DARIDO, 2012).

Corroborando tais indicadores, várias são as predisposições, por que não dizer mitos, que vão defender ou recusar a inserção das Lutas na escola. Entre as que recusam, é comum escutar que a prática deste componente pode levar a adoção de comportamentos violentos (AGUIAR, 2008; ALMEIDA, 2012; NASCIMENTO, 2008; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007), mas a questão da violência atinge uma complexidade muito maior, indo além da prática da Luta, uma vez que ela está presente na sociedade: intrínseco às relações sociais, emanadas pelos modos de se expressar e comunicar em situações de conflito, de ameaça e de incerteza (OLIVIER, 2000). Logo, os comportamentos agressivos reproduzidos na escola podem ser reflexos das ações que ocorrem nos cotidianos das pessoas, por exemplo, no trânsito, nas relações familiares, nas práticas esportivas, etc. (AGUIAR, 2008).

Almeida (2012) alerta que o professor deve tomar consciência que as diferentes formas de desenvolver as Lutas podem influenciar os alunos a adotarem comportamentos agressivos ou não. Isto posto, Olivier (2000) coloca que as atividades bem sistematizadas e conduzidas ajudam as crianças a controlar as relações violentas que podem acontecer no interior da escola.

Outro posicionamento bem comum de recusa sobrevém da ideia – principalmente por parte dos professores – da necessidade de ser especialista em alguma modalidade de luta para poder ensiná-la (ALMEIDA, 2012; GOMES et al., 2013). Isso foi observado por Nascimento (2008) e Nascimento e Almeida (2007) ao verificarem que a falta de vivência pessoal dos professores entrevistados os fez afastar a proposição da prática. Tal fator pode ter sido agravado pela recente inserção de disciplinas que contemplam as Lutas nos currículos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física ou sua restrição as peculiaridades de uma modalidade, por exemplo, o Judô (DEL VECCHIO; FRANCHINI, 2006). Assim, ambos os fatores podem resultar na insegurança dos professores em abordar esse conteúdo nas aulas (BREDA et al., 2010).

Por outro lado, quem a defende, supervaloriza sua importância para a formação moral, dada a ideia de disciplina oriunda da tradição militar, apoiada pelo método de ensino tecnicista, que prioriza a repetição de movimentos a exaustão, agregada a valores como dedicação e esforço (ALMEIDA, 2012; BREDA et al., 2010). Fica ainda, subjacente a estas ideias, uma concepção ingênua e simplista que a prática da Luta afasta seus praticantes da violência, desconsiderando que as formas de tratar o conteúdo podem repercutir de diversas formas no comportamento dos alunos (ALMEIDA, 2012).

Ambas as ideias demonstram as diferentes compreensões que os professores têm sobre o tema e que ressoam na inserção de um "conteúdo desconhecido" nas aulas. Nas palavras de Almeida (2012), a vivência dos elementos que compõem as Lutas pode até ser considerada inovadora, mas não necessariamente complexa, pois há subsídios suficientes para que a prática possa ser abordada com qualidade em seus componentes básicos; contudo, é necessária a disposição do professor em estudar esta manifestação da Cultura de Movimento.

Dessa forma, este estudo tem o objetivo de relatar a tematização das Lutas em uma turma do sexto ano do ensino fundamental. Portanto, serão apresentadas algumas possibilidades de levar as Lutas para dentro da escola, pensando sua prática de uma forma mais global, enfatizando seus princípios condicionais a partir de jogos organizados pelo tipo de contato e/ou distância estabelecida entre os oponentes (GOMES, 2008; GOMES et al. 2008), assim como as relações históricas, sociais e culturais que a permeiam e sua relação com a violência, principalmente pela diferenciação entre Luta e briga[4].

Acentua-se que a tematização do conteúdo também foi pensada a partir das práticas apresentadas pelos alunos nos diferentes momentos escolares: as brincadeiras de "lutinha", os discursos referentes ao UFC (*Ultimate Fighting Championship),* as brigas referenciadas como Lutas, etc. – conhecimentos cotidianos que precisavam ser colocados em evidência, discutidos, reconstruídos e sistematizados. Assim, a experiência em questão reconheceu a escola como um espaço que produz uma cultura escolar do esporte, no caso, ao buscar estabelecer um diálogo entre os alunos e as Lutas para recriar a experiência pessoal e situada, que ultrapassa a ideia de reprodução da cultura hegemônica do esporte (VAGO, 1996).

Vale ressaltar que este texto é parte da monografia (LOPES, 2013) desenvolvida no curso de pós-graduação lato sensu em Educação Física escolar, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas em parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Logo, as reflexões e propostas indicadas são pautadas na prática profissional do autor.

Lutas na escola: aproximações necessárias

Segundo as palavras de Piernavieja (1973, p. 15) citado por Aguiar (2008, p. 19), o surgimento das Lutas "[...] [coincide] com a própria aparição do homem sobre a terra", o que torna muito difícil precisar seu aparecimento, pois não se trata de uma construção isolada em dado momento histórico, mas sim de construções socioculturais modificadas ao longo dos tempos (BREDA et al., 2010).

As primeiras formas de lutar eram importantes para a preservação da vida e de territórios (BREDA et al., 2010), basta ver a necessidade de conseguir alimentos, proteger o grupo ao qual fazia parte e partir em busca de novas terras (AGUIAR, 2008). Com o tempo as Lutas foram adquirindo outros significados e sentidos, como a sua

4 Neste texto, a expressão "briga" é sinônimo de "agressão", conforme adotado por Oliveira e Martins (2007): a aplicação de força excessiva contra o outro, de maneira intencional, com o objetivo de causar dano.

utilização em rituais (indígenas, por exemplo); na preparação para a guerra; nas artes marciais (Oriente), bem como sua intrínseca relação com a escrita, culinária, jardinagem e tradições guerreiras, compondo um determinado estilo de vida; e, atualmente, um caráter esportivo (AGUIAR, 2008; BREDA et al., 2010).

Como alerta Almeida (2012, p. 1), verificam-se diferentes representações na/da temática, como "[...] a defesa pessoal, a formação moral do praticante, a preservação cultural e, sobretudo, a esportivização, são aspectos que se fazem presentes no universo das Lutas, e que dialogam com diferentes valores que transitam em nossa sociedade." Ou seja, há uma gama de ideias associadas às Lutas, o que requer uma análise crítica dos objetivos que vão permear a inserção do conteúdo nas aulas, como o reconhecimento do espectro de relações que a sociedade em geral e a comunidade escolar estabelecem com o mesmo em conjunto com as diretrizes educacionais preconizadas pela escola.

Dessa forma, uma das formas de tomar contato e (res)significá-la na escola pode partir da análise dos aspectos históricos, culturais, sociais, etc. que moldaram sua criação e, posteriormente, compreender os diferentes significados e sentidos para seus praticantes, as principais habilidades envolvidas, etc. consolidando assim a "[...] apropriação crítica e criativa deste conteúdo da cultura de movimento pelos alunos [...]" (ALMEIDA, 2012, p. 2).

Inserir este conteúdo nas aulas não significa endossar a prática de comportamentos violentos (AGUIAR, 2008; ALMEIDA, 2012; NASCIMENTO, 2008; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007), nem mesmo afirmar que o professor precisa ser especialista em alguma modalidade de luta para abordá-la na escola (ALMEIDA, 2012; GOMES et al., 2013). Tampouco que deve ser supervalorizada sua importância para a formação moral que visa disciplinar o indivíduo, bem como aderir a uma concepção ingênua que acredita que sua prática afasta seus praticantes da violência (ALMEIDA, 2012; BREDA et al., 2010).

Deve-se ainda tomar cuidado com os procedimentos didáticos adotados que devem estar alinhados com aquilo que se almeja para sua inserção na escola, haja vista que tradicionalmente os métodos que orientam o ensino das Lutas revelam-se pelo seu alto teor militarista e disciplinador, a fim de manter o respeito às tradições e por um modelo de ensino tecnicista e excludente, limitando-se à repetição e reprodução do gesto conforme um padrão (BREDA et al., 2010). Todavia, eles podem oferecer elementos úteis para o seu ensino na escola, desde que sejam problematizados e dialoguem com interesses e possibilidades dos educandos (ALMEIDA, 2012).

Para tanto, é necessária a vontade e o esforço do professor em estudar as Lutas que serão trabalhadas na escola, bem como reconhecer que o método a ser empregado não pode ser igual àquele que prioriza a repetição de movimento, mas sim aquele que dá oportunidades para que todos participem e desenvolvam suas potencialidades (BRASIL, 1998), cujo aprendizado é significativo (ALMEIDA, 2012). Neste sentido, o professor pode fazer diversos arranjos materiais para que os alunos obtenham êxito nas tarefas (BETTI, 2011).

Até o momento apontou-se perspectivas de como as Lutas podem ser tratadas na escola. Agora, convém perguntar: o que é Luta? De acordo com a definição adotada para o estudo é uma

> Prática corporal *imprevisível*, caracterizada por determinado estado de *contato*, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações *ofensivas* e/ou *defensivas*, regida por *regras*, com o objetivo mútuo sobre um *alvo móvel* personificado no *oponente* (GOMES, 2008, p. 49, grifos do autor).

O conceito é claro e define o que é e o que não é Luta, entretanto, o tratamento didático não precisa se fundamentar numa modalidade que compreenda todas as características elencadas. Pode-se abordar, por exemplo, um ou mais dos **princípios condicionais** elencados, pode apoiar-se ao **tipo de contato** ou **distância** utilizado entre os oponentes, tratar sobre as **formas** ou ainda em **modelos pedagógicos comuns** à Educação Física, pautados na parcialização dos movimentos ou na interação entre pessoas, materiais e ambientes (ALMEIDA, 2012).

Os princípios condicionais são as características comuns presentes nas Lutas capazes de defini-las como tal. Gomes (2008) e Gomes et al. (2008) apresentam:

- Oponente/alvo – personificado no adversário, que implica reconhecer o mesmo como alvo móvel e que pode executar ações ofensivas.
- Contato proposital – as pessoas se "tocam" podendo para isso utilizar diferentes formas (socos, chutes, toques com implementos, etc.) a fim de chegar aos objetivos predefinidos no embate.
- Fusão ataque/defesa – assim como em outros jogos, existem nos combates momentos de ataque e defesa, com a possibilidade dessas ações serem simultâneas, sendo até difícil distinguir cada uma dessas ações.
- Imprevisibilidade – devido à relação de interdependência entre os lutadores e as possibilidades de ação que se colocam no combate, não é possível definir modelos sequenciais previsíveis, ou seja, haverá diversas situações diferenciadas às quais os lutadores devem se adaptar para resolver os problemas encontrados.
- Regras – regulam as condutas necessárias à realização do jogo, ou seja, definem o que é permitido ou não, quais técnicas e táticas podem ser usadas pelos oponentes.

Gomes (2008) aponta que, mesmo com os princípios condicionais, existem elementos que distinguem cada modalidade de luta das demais, contudo, algumas dinâmicas de funcionamento da modalidade, bem como algumas de suas técnicas são semelhantes a outras modalidades. Pensando nisso, as Lutas podem ser classificadas em grupos, sejam por tipo de *contato ou distância* empregada pelos oponentes. Em relação ao tipo de contato, utilizando a categorização de Espartero (1999), Gomes (2008) apresenta:

- **Luta com agarre** – envolve ações de derrubar, desequilibrar, projetar, etc.;
- **Luta com golpe** – envolve golpes impactantes com diferentes partes do corpo de forma isolada ou combinada, por exemplo, socar, cotovelar, chutar, etc.;
- **Luta com implemento** – envolve o toque no corpo do adversário por

meio de implemento, por exemplo, a esgrima.

Com relação à distância entre os adversários, Gomes (2008, p. 47) classifica:

- **Curta** – "[...] possui um espaço praticamente nulo entre os oponentes [...] para a realização das técnicas [...]";
- **Média** – "[...] seria um espaço moderado que permite a aproximação em situações de ataque entre os oponentes [...]";
- **Longa distância** – "[...] definida pela presença de um implemento, deve haver uma distância maior entre os oponentes para que os mesmos possam manipular de forma adequada esse implemento [...]".

Gomes (2008) e Gomes et al. (2008) ainda apontam um ramo denominado **Formas (Katas)** que não se enquadra nessas classificações e definições, pois "[...] não possuem os mesmos objetivos e lógica interna inerentes às Lutas, já que podem ser ensaiados como uma coreografia" (GOMES, 2008, p. 49). Apesar disso, não podem ser descartadas, pois podem ser um elemento para apropriação de habilidades fundamentais de uma luta, desde que seja respeitado o se-movimentar, ou seja, não seja um modelo repetitivo e burocrático (ALMEIDA, 2012; KUNZ, 2006).

As experiências didáticas propostas neste trabalho procuraram aprofundar as experiências do se-movimentar[5] nas Lutas a partir dos princípios condicionais e das classificações por tipo e/ou distância, priorizando o trabalho com os **jogos de luta**, pois, provavelmente, são os primeiros contatos de muitos alunos com o conteúdo. Estes modelos adaptados – arranjos materiais – apresentados por meio de jogos parecem relevantes para a vivência de uma prática da Luta no contexto escolar, pois são formas não esportivizadas que levam em consideração as lógicas internas da modalidade sem descartar o seu aspecto lúdico e a preocupação com a aprendizagem dos alunos (GOMES, 2008; GOMES et al., 2013; RUFINO; DARIDO, 2012).

Convém ressaltar ainda que na prática do jogo estão inseridos momentos de tensão e alegria, sensações permitidas às pessoas que se entregam à atividade totalmente, como estabelece Huizinga[6]. Sem contar outras características que podem ser inseridas no jogo como a cooperação – na tomada de decisões coletivas; inclusão e respeito às diferenças – há a necessidade do outro para jogar contra, é necessário aceitá-lo a partir de suas potencialidades para desenvolver a tarefa; o exercício da criatividade – podem ser ressaltadas as soluções encontradas para resolver o problema de alguma maneira, e a valorização do processo – pelo entendimento que todos possuem papel importante na atividade

5 Para Elenor Kunz, a pessoa estabelece relações de sentido e significado com o movimento e consequentemente com mundo, logo o "se-movimentar" representa uma experiência subjetiva, que vai além de um movimento que considera apenas os aspectos de natureza física (compreendido apenas pelas leis da Física, por exemplo), para considerá-lo como "[...] meio e precondição para as experiências humanas mais ricas e variadas" (KUNZ, 2006, p. 20).

6 "[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida quotidiana'" (HUIZINGA, 2008, p. 33).

(tanto na vitória ou derrota), pois uma série de ações é executada para se chegar aos objetivos almejados (DAOLIO, 2012).

Percurso de aprendizagem

O percurso apresentado faz parte do trabalho desenvolvido pelo autor com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual paulista, localizada na zona norte da cidade de São Paulo, cujo bairro possui característica residencial e atende uma população com baixas condições socioeconômicas. A maioria dos alunos é residente no bairro e em outros vizinhos à escola.

As aulas foram aplicadas para as dez turmas de sexto ano, contudo foi selecionada uma turma para a produção do estudo com as seguintes características: assiduidade, número adequado de alunos (24 alunos frequentes) e com composição equilibrada entre meninos e meninas, cujas idades variavam entre onze e doze anos. Salienta-se ainda que essa turma teria mais aulas previstas no bimestre, visto poucos feriados, reuniões escolares etc., totalizando 14 aulas para desenvolver o tema entre Agosto e Setembro de 2013.

O Percurso de Aprendizagem foi organizado em quatro Situações de Aprendizagem (Quadro 1): Mapeamento, Princípios Condicionais, Classificações da Luta e Revisão. Nem todas as aulas aplicadas serão analisadas neste texto de forma minuciosa, no entanto, os fenômenos mais significativos serão apreciados com mais profundidade para situar o leitor sobre as repercussões do seu desenvolvimento em consonância com os objetivos almejados.

Convém ressaltar que o presente Percurso de Aprendizagem contempla os conteúdos para as séries iniciais do ensino fundamental proposto por Gomes et al. (2013) em sua revisão de literatura, mesmo ano em que o Trabalho de Conclusão de Curso que motivou este estudo foi defendido (LOPES, 2013). Essa coincidência demonstra a urgência em se incluir essa temática na Educação Física escolar, visto a escassez de trabalhos relacionados às Lutas na escola e tendo poucos referenciais teóricos sobre o tema que servem de base para as práticas pedagógicas.

Quadro 1 – Situações de Aprendizagem e seus Conteúdos

1. Mapeamento	2. Princípios Condicionais	3. Classificações da Luta	4. Revisão
Jogos de luta: - Arranca Fita em grupo/dupla; - Rouba Bandeira; - Ameba. **Roda de conversa:** - O que é Luta (definição)? - Percurso histórico da Luta.	**Princípios condicionais.** **Jogos de luta:** - Luta de Cobra; - Luta de Braço; - Luta com Bola; - Empurra-empurra; - Arranca Fita em duplas; - Cabo de Guerra.	**Classificações da Luta.** **Jogos de luta:** - Imóvel; - Luta com Balões; - Esgrima.	**O que é Luta (definição)?** **Percurso histórico da Luta.** **Princípios condicionais.** **Classificações da Luta.**

Relato da experiência

No Mapeamento, buscava-se que os alunos: (1) reconhecessem as Lutas nas práticas abordadas; (2) vivenciassem e classificassem as atividades propostas; (3) compreendessem o processo histórico das Lutas; (4) elaborassem opiniões frente aos diferentes conhecimentos socializados.

Nas primeiras aulas desta etapa, quando foi apresentado o cronograma de atividades e o conteúdo, vários discursos contrários ao tema ecoaram, mas um em especial se destacou: "Professor, nós vamos brigar nas aulas?". Ou seja, evidenciou-se a necessidade de desconstruir os significados negativos atribuídos à prática e construir outros mais positivos.

O tema iniciou com a vivencia de jogos[7] como o "Arranca Fita" em grupo e em duplas, o "Rouba Bandeira" e o "Ameba" – mesmo que tais práticas não possam ser definidas como Lutas –, pois auxiliam na compreensão das ações que caracterizam a manifestação corporal, como as situações de ataque e defesa simultâneas. Durante a realização dos jogos percebia-se, nas expressões corporais manifestadas, momentos de tensão e alegria (HUIZINGA, 2008), com a maioria da turma participando ativamente.

Cabe destacar o "Arranca Fita" em duplas, pois os alunos perceberam sua aproximação ao conceito de Luta quando disputavam entre si, em um espaço delimitado em comum acordo e cujo o correr era impedido para fugir das investidas. Entre os relatos dos participantes, ouvia-se a necessidade de se esquivar dos ataques, bem como os ataques realizados chegavam a tocar o adversário. Ao que tange ao gesto motor, ao final da aula, os alunos deixavam as costas menos expostas para as investidas dos adversários; tentavam ludibriar, por meio de fintas, as investidas nos coletes dos colegas; mantinham a perna oposta a do colete à frente, resguardando o material; se deslocavam em passos alternados, mantendo a base equilibrada, tanto para a investida quanto para a defesa, etc. Cabe lembrar que estas ações motoras muito se relacionam as razões do fazer, como defende Garganta (1995) citado por Daolio (2012), para o ensino do jogo, haja vista que compõem a estratégia para resolver corporalmente as situações-problemas encontradas.

Já com a "Roda de Conversa", atrelada ao percurso histórico das Lutas, algumas de suas representações na Contemporaneidade e as práticas vivenciadas até o momento, ensaiou-se um estudo mais aprofundado da prática, a desvelar, por exemplo, as características que permitem distinguir a Luta da briga (GOMES et al., 2013).

A partir das seguintes perguntas: "O que é Luta para você?", "Quais Lutas você conhece?", "Das atividades realizadas anteriormente, quais eram Lutas? Por quê?", verificou-se que os alunos conheciam diversas modalidades de luta, no entanto, não sabiam defini-la. Merece destaque os inúmeros relatos referentes ao UFC, como os lutadores mais conhecidos, as roupas utilizadas, as modalidades que compõem o evento e até mesmo a prática delas em academias da região. Tais indicadores levam a crer que a presença massiva da

7 Não serão descritos todos os jogos utilizados, haja vista que muitos deles estão presentes nos cotidianos escolares, mas eles podem ser encontrados no projeto **Mapa do Brincar** do jornal Folha de S.Paulo, disponível em: <http://mapadobrincar.folha.com.br>. Acesso em 18 abr. 2015.

Mídia exerce influências significativas na vida das pessoas, reiterando um discurso hegemônico e criando novos produtos para o consumo (AMARAL, 2012).

Quando foram solicitados a olhar para as práticas vivenciadas, os alunos notaram que o "Arranca Fita", nas duas versões, eram mais próximos ao conceito de Luta do que os demais jogos, ainda mais o realizado em duplas. Quanto ao "Ameba" e ao "Rouba Bandeira", falaram que não eram Lutas, pois não tinha contato físico ou era mínimo.

Após a "Roda de conversa" foi apresentado um percurso histórico situando a Luta desde seus primórdios até a atualidade, além do seu conceito adotado neste trabalho. A partir disso, a diferenciação entre Luta e briga foi ressaltada, haja vista que a manifestação corporal apresenta regras bem definidas e o respeito mútuo entre os adversários.

Por fim, como forma de avaliação e registro das aprendizagens, foram apresentados vídeos (Quadro 2) com diferentes práticas corporais e os alunos tiveram que elaborar um quadro síntese identificando as práticas que podem ser consideradas Lutas a partir do que foi visto nas aulas.

Quadro 2 – Vídeos apresentados aos alunos para classificação

"Jogo de puxar o bastão". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=s-KvqDfZxgg&feature=related>. Acesso em: 12 abr. 2015;
"Cabo de guerra". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NgcxK4g7uSM>. Acesso em: 12 abr. 2015;
"Capoeira Angola". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DgwJ9fdueuU>. Acesso em: 12 abr. 2015;
"Judô". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mzUjkMBCDO0>. Acesso em: 12 abr. 2015;
"Queimada". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Bf5VySfY3pQ&feature=related>. Acesso em: 12 abr. 2015;
"Futebol". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=dkUbAsSgsPk>. Acesso em: 12 abr. 2015.

A análise dos vídeos diagnosticou e articulou os saberes trabalhados até o momento. Os alunos deveriam se concentrar em classificar aqueles que eram Lutas; quais comportamentos dos lutadores poderiam ser observados; quais as principais habilidades empregadas; quais regras estavam presentes; enfim, deveriam refletir se "é possível vivenciar as Lutas na escola?".

A maioria dos alunos identificou as práticas concernentes às Lutas. Quanto aos comportamentos, eles citaram a agressividade, o respeito, a violência, a raiva etc., mas não situaram quando eles estavam presentes nos vídeos que apresentavam Lutas ou brigas. Dentre as habilidades e capacidades apontaram: velocidade, força, agilidade, socos, chutes, rasteiras, derrubar, ginga, equilíbrio, correr e puxar; o que demonstra o conhecimento das ações necessárias à prática. Sobre as regras, devido a diversidade de práticas apresentadas, não foi possível estabelecer uma análise mais precisa, haja vista que eles poderiam citar qualquer uma e suas peculiaridades.

Por fim, sobre a possibilidade de vivenciar as Lutas na escola, não foi encontrada nenhuma resposta negativa, principalmente ao observar os relatos das primeiras aulas, que indicavam a preocupação em se conhecer o conteúdo. Várias podem ser as hipóteses, mas acreditamos que os jogos parecidos com as Lutas tenham levado a compreensão que a mesma não precisa ser idêntica ao modelo oficial; que as Lutas tem regras e as brigas não, caracterizando esta última como um comportamento inadequado ao ambiente escolar e social como um todo.

Já a situação de aprendizagem **Princípios Condicionais** procurava que os alunos (1) vivenciassem elementos que compõem as Lutas, a partir de formas adaptadas; (2) compreendessem e articulassem as vivências aos princípios condicionais das Lutas. Foram desenvolvidos jogos que priorizavam ao menos um dos princípios condicionais: a "Luta de Cobra" prioriza o princípio condicional **alvo/oponente**; o "Braço de ferro" e o "Empurra-Empurra"[8], o **contato proposital**; a "Luta com bolas", a **fusão ataque/defesa**; o "Arranca Fita" e o "Cabo de Guerra", a **imprevisibilidade**.

No "Braço de ferro", eles voltaram a vivenciar uma atividade que brincam costumeiramente na escola e que podem demonstrar sua "força", o que representa a dimensão lúdica e competitiva do jogo. Foi orientado que eles trocassem de duplas, para que verificassem os níveis de dificuldades com cada um dos adversários, o que gerou nova resposta a situação-problema encontrada. Vale destacar que eles não só alteraram as duplas entre seus pares de mesmo sexo, mas também para menino-menina, o que demonstra um avanço no aspecto de aceitação e respeito visto que as diferenças costumam marcar as atividades em que predomina a "força", tida como masculina.

Já na "Luta com bolas", cada dupla estava sentada, um de frente para o outro, de modo que as solas dos pés se encontrem e segurando uma bola ao mesmo tempo. Vencia aquele que conseguia tomar a posse do material. Foi observado que eles gostaram da atividade, mas depois de duas/três realizações, e mesmo trocando as duplas, eles perderam um pouco a motivação em realizá-la: alguns foram arremessar a bola à cesta e outros propuseram uma nova forma de execução: em trios. Nesta, em vez de ter duas pessoas disputando a posse de bola, haviam três, o que tornou o jogo mais divertido e emocionante, pois havia forças atuantes em três direções contrárias; nesse momento, até quem estava arremessando retornou a tarefa.

A "Luta de Cobra" foi realizada em dupla, frente a frente, em posição do exercício de "flexão de braços" ou seis apoios (joelhos no chão), com o objetivo de tirar o equilíbrio do colega puxando o antebraço do colega e tomando cuidado para não cair; o aluno que tocava o abdômen no chão perdia. Com certeza foi a atividade que eles mais gostaram, haja vista a expressão corporal deles e as falas, eles estavam se divertindo nas situações que envolviam possibilidade de derrubar e ser derrubado.

8 "Empurra-empurra". Em duplas, com os alunos de frente um para o outro e com os braços estendidos e mãos apoiadas nos ombros do colega, o objetivo é mover o oponente do lugar, isto é, fazer com que ele ultrapasse uma marcação definida.

Várias foram às técnicas corporais que eles utilizaram para desenvolver a tarefa: pernas mais juntas, mais afastadas; com o corpo mais próximo ou distante dos adversários; corpo mais ou menos arqueado, etc. Ou seja, a situação-problema suscitou inúmeras respostas que levaram a diversas experimentações do se-movimentar (BETTI, 2011; KUNZ, 2006; TREBELS, 2006).

Ao término das vivências, abriu-se uma roda de conversa para socializar as sensações experimentadas, as respostas encontradas para resolver corporalmente os problemas, bem como se conseguiram detectar os princípios priorizados. Vale ressaltar que o princípio condicional regras foi enfatizado em todas as práticas, pois elas regulam as ações que são executadas (o que é válido ou não), definem o vencedor, entre outras coisas. Para solidificar a aprendizagem dos princípios condicionais foi proposta uma síntese dos mesmos articulando-os às práticas vivenciadas anteriormente. Para finalizar, os alunos registraram em forma de desenho um dos princípios condicionais aprendidos resgatando uma experiência anterior, uma luta que tenham visto na TV, uma criação pessoal, etc.

Referente às aprendizagens, os alunos ampliaram o entendimento sobre as Lutas e foram capazes de diagnosticar alguns elementos que nela estão presentes, que se assemelham aos princípios condicionais estudados (GOMES, 2008; GOMES et al., 2008).

Também foi muito interessante as respostas encontradas no plano motor para cada uma das situações em que eles experimentaram diferentes formas de fazer e testar aquilo que mais se adequava a cada uma delas, o que revela entendimento do como fazer (movimento, propriamente dito) e das razões do fazer (porque fazer assim e não de outra maneira). Destarte, não se procurou desempenhar o gesto técnico perfeito para as atividades em questão, mas sim o processo de experimentação, pois várias respostas foram adequadas para as situações encontradas (MOREIRA; NISTA-PICCOLO, 2009; FERREIRA et al., 2010).

Já as **Classificações da Luta** propunham que os alunos: (1) vivenciassem elementos que compõem as Lutas, a partir de formas adaptadas; (2) compreendessem e associassem as vivências às classificações das Lutas (distância e/ou contato). Assim, foram ensinadas as classificações das Lutas (aula expositiva) atrelada à análise das experiências e uma atividade de identificação dessas classificações em modalidades oficiais. No que tange as experiências do se-movimentar, foram desenvolvidos os seguintes jogos: "Luta com Balões", classificado como **Luta de média distância** ou **Luta com golpe**; "Imóvel", classificado como **Luta de curta distância** ou **Luta com agarre**, e a Esgrima, **Luta de longa distância** ou **Luta com implemento**. Nessas atividades foram proporcionadas oportunidades para que os alunos percebessem porque certas ações de movimento estão mais associadas a um tipo de luta do que outro, logo, que consigam lançar mão de suas experiências pessoais e criativas para responder as situações-problemas criadas de forma diferenciada.

A "Luta com Balões" consistia na realização de golpes com o objetivo de acertar uma das bexigas presas ao corpo do colega. Cada um da dupla tinha uma bexiga presa ao braço e outra a perna. Ficou combinado que um golpe que entrasse em contato direto com o corpo do colega seria punido com um ponto para o atingido – os alunos regularam as regras e as pontuações do combate.

A maioria se divertiu bastante com a proposta de atingir a bexiga do colega. Nos combates, os defensores tentavam manter o máximo possível de distância do adversário; também mantinham a perna oposta a da bexiga à frente, ou seja, deixava o corpo entre a bexiga e o adversário, resguardando com mais eficiência o implemento. Os defensores se utilizavam de giros para escapar de golpes que vinham da lateral, geralmente socos. Já os atacantes, para romper com esta estrutura defensiva, realizavam pequenas corridas de aproximação para encurtar a distância e para deslocar um pouco a proteção (fazer o colega se movimentar), nesses momentos investiam ações que mesclavam socos e chutes e, geralmente, saíam exitosos.

Já no "Imóvel", o defensor começou deitado, em decúbito dorsal no tapete de EVA, enquanto o atacante ficou em seis apoios, com o tronco passando por cima da barriga do colega e as mãos apoiadas no chão e, somente após o sinal, o atacante poderia se aproximar (abaixar o tronco e braços) do defensor efetuando a imobilização por cinco segundos para ganhar ao combate.

As duplas foram formadas de acordo com os interesses dos alunos, sem se preocupar com o equilíbrio de força, peso, altura etc. que poderiam interferir na realização do jogo; acreditamos que foi uma decisão acertada, pois eles puderam testar a atividade com diferentes colegas e notar as diferentes solicitações exigidas por cada uma das situações-problemas.

Igualmente a outra, a maioria estava alegre na realização desta atividade, tanto no momento em que a realizava, quanto na visualização da luta exercida pelos colegas. Percebia-se diferentes expressões faciais que mesclavam tensão, alegria, espanto, força, concentração etc.

No jogo os atacantes começavam com uma boa vantagem, haja vista que o peso do seu corpo sobre o do outro dificultava o deslocamento do colega. Além disso, depois de algumas execuções, os atacantes não mais deixavam as mãos e os braços apenas apoiados no chão, eles a utilizavam trançando a cintura dos colegas ou segurando as pernas e/ou braços evitando ao máximo que eles conseguissem escapar da imobilização.

Os defensores conseguiam êxito num momento de falha do atacante, que deixava um vão entre o seu corpo e do defensor, por onde este conseguia escapar com muita facilidade. Outra forma utilizada para fugir era quando conseguiam realizar a inversão do decúbito, passando do dorsal para o ventral; ao chegar nesta posição o defensor fazia força com os braços e pernas, suspendendo o atacante e fugindo dele. Outra forma menos frequente foi quando conseguia empurrar o colega na região peitoral, se afastando o suficiente para fugir dele.

Em ambas as atividades, tanto por parte dos defensores como dos atacantes, verificou-se diferentes respostas para a resolução dos problemas encontrados e, em muitos casos, as "técnicas" de ataque e defesa utilizadas se aproximavam àquelas preconizadas nas Lutas (ALMEIDA, 2012), sejam elas de curta ou média distância (GOMES, 2008; GOMES et al., 2008).

Apesar da maioria dos alunos ter participado, em alguns momentos notou-se alunos sem o envolvimento desejado, pareciam que não estavam à vontade em executá-las, mas quando questionados, eles respondiam que não estavam gostando das

atividades; acreditamos que vai além disso, pois estas atividades sugerem ações bem diferentes daquelas que costumam realizar e talvez o aspecto da vergonha tenha gerado isto, especialmente, com as meninas.

Quanto à "Esgrima"[9], em uma aula foi apresentada as regras e movimentos básicos da modalidade e em outra os alunos construíram a espada com jornal[10]. Com o material produzido, os alunos ficaram de frente um para o outro, mas sem nenhuma demarcação que lembrasse a Esgrima oficial, e tentaram a execução dos golpes vistos nos vídeos anteriormente. Foi reforçado que o objetivo era tocar a ponta da espada no corpo do colega (região peitoral e abdômen), tomando cuidado com os olhos e região genital.

Durante a prática, os alunos iam com vontade para o ataque e se descuidavam do aspecto defensivo, assim, aqueles que tinham um pouco mais de percepção deste fator e conseguiam se livrar da investida inicial, realizavam o contragolpe com eficiência. Em algumas execuções foi possível observar que eles tentavam seguir a posição de guarda indicada e com isso levavam vantagem, pois a movimentação permitia um recuo e um ataque mais equilibrado. Tal fator foi potencializado quando eles executavam o afundo com a perna correspondente ao lado do corpo que segurava a espada, ampliando o alcance.

Mais uma vez não foi exigido que eles seguissem exatamente as técnicas, mesmo sabendo que elas ajudariam em um melhor desenvolvimento do jogo. Tanto nesta quanto nas outras atividades foi priorizado o aspecto criativo (DAOLIO, 2012) para resolver corporalmente os problemas encontrados, tanto é que alguns alunos chegavam à vitória sem infringir nenhuma das regras ou executar os movimentos ensinados.

Como síntese, os alunos relembraram as experiências e aprendizagens ao registrar num questionário, que continha fotos com diferentes modalidades de luta, suas classificações por tipo de contato e/ou distância.

Por fim, a **Revisão** buscou consolidar os objetivos almejados nas situações de aprendizagens anteriores. Esta etapa contou com uma "Avaliação Bimestral" que faz parte do calendário escolar e reúne todos os componentes curriculares, cada qual contribuindo com três questões sobre os estudos realizados. Para finalizar, foi realizada uma breve incursão sobre os assuntos vistos durante o bimestre, relembrando as experiências obtidas nas aulas e percepções obtidas na avaliação aplicada anteriormente, bem como esclarecer dúvidas ou equívocos que os alunos apresentaram sobre a manifestação cultural Luta. Nessa aula também foi realizado um registro em que os alunos anotaram aquilo que aprenderam no bimestre; recurso interessante para que o professor conheça como os alunos se veem em relação aos saberes construídos e a efetividade do seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência apresentou caminhos para levar o conteúdo Lutas para dentro da escola, conteúdo clássico da

9 "Esgrima", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mQXt2klTtqc>. Acesso em: 12 abr. 2015.
10 "Espada de jornal", disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/estadinho/2012/10/06/espada-de-jornal/>. Acesso em: 12 abr. 2015.

Cultura de Movimento que está ausente nesse contexto, mesmo sendo uma prática que acompanha os seres humanos ao longo dos tempos, ou seja, que diz respeito aos modos de vida das pessoas e da sociedade em diferentes momentos históricos (RUFINO; DARIDO, 2012). Assim, foram considerados os estudos empreendidos por Almeida (2012), Gomes (2008) e Gomes et al. (2008) ao conceituar a Luta enquanto manifestação corporal, os princípios condicionais subjacentes, suas classificações por tipo de contato e/ou distância e suas possibilidades de inserção na escola, além das ideias de Daolio (2012), ao lançar mão do jogo como elemento para chegar às vivências planejadas.

Acentua-se que este trabalho também obteve sustentação em Gomes et al. (2013), pois houve convergência com a proposta de ensino das dimensões do conteúdo, ainda que no estudo de revisão de literatura proposto por Gomes et al. (2013) sejam enfatizadas as Lutas nas séries iniciais do ensino fundamental. Em ambas as propostas verificou-se as três dimensões do conteúdo frisadas por Rufino e Darido (2012) ao proporem uma pedagogia dos esportes às Lutas. São exemplos do **conceitual:** ao trabalhar com os aspectos históricos das Lutas; **procedimental:** a aprendizagem do saber fazer corporal preconizado nas situações propostas nos diferentes jogos; **atitudinal:** ao desmitificar os comportamentos violentos associados às Lutas. Vale ressaltar ainda, que tais conteúdos devem estar em consonância com os objetivos almejados, bem como com as estratégias e métodos de ensino e sua consequente avaliação (GOMES et al., 2013; RUFINO; DARIDO. 2012).

Tudo isso leva à reflexão que a inserção de um "conteúdo novo" na escola passa primeiro pela mudança de atitude do professor, que exige a aceitação dos desafios e novas formas de pensar e atuar na Educação Física escolar, ao compreender que toda a manifestação corporal tem espaço na escola, inclusive as Lutas, cujo tratamento didático ainda é incipiente. Destarte, a forma como foi organizado o trabalho não apontou para a necessidade de o professor ser especialista em alguma modalidade de luta para poder ensiná-la, bem como foram abertas possibilidades de diálogo com os alunos para discutir sobre a questão da violência, que pode aparecer nas diferentes práticas corporais, não só nas Lutas. Com isso, buscou-se evitar a manifestação de comportamentos violentos durante as aulas.

Devem ser destacadas também as aprendizagens de gestos motores, que versavam sobre o saber fazer e as razões do fazer por meio de jogos de lutas, nas quais em diferentes situações-problema encontradas os alunos utilizavam-se de diferentes saberes corporais para resolvê-las, associadas aos princípios condicionais da Luta ou suas classificações a partir do tipo de contato ou distância empregados pelos oponentes durante a prática.

Estes resultados se tornam ainda mais instigantes ao observamos a recepção do conteúdo por parte dos alunos, em que este não foi bem visto num primeiro momento, mas com sua ressignificação ao longo das aulas foi possível verificar que eles gostaram: quantas vezes os alunos não foram vistos brincando de "lutinha", por exemplo, ao chegar instantes antes da aula.

Outras preocupações que não foram discutidas com a profundidade merecida neste texto, mas que podem ser campos

importantes para estudos futuros apontam para a articulação das Lutas com os diferentes Eixos Temáticos preconizados no CEF-SP, como as Mídias, Lazer e Trabalho e/ou com Corpo, Saúde e Beleza; Contemporaneidade (questões relativas ao gênero, por exemplo), bem como temas referentes ao paradigma da Inclusão que perpassam a escola contemporânea.

Enfim, as aulas de Educação Física são um **tempo** e **espaço** adequado para a construção de ideias que objetivam o aprofundamento das experiências do se-movimentar, no caso, (res)significar as Lutas em toda a sua complexidade. Mas é necessário que as visões sobre os objetivos, sobre os conteúdos e sobre os procedimentos didáticos se modifiquem, a fim de atender as atuais exigências, que não mais se traduzem na repetição de movimentos. Assim, apresentou-se uma proposta em que a experiência lúdica da Luta na escola é possível, bem como um tratamento mais aprofundado pode levar a compreensão que esta pode representar um povo, seus costumes, etc., que pode ser contextualizada com a realidade de cada um, promovendo uma apropriação crítica, autônoma e criativa, levando o aluno a utilizá-la nos mais diversos espaços, além daqueles estabelecidos pelos muros da escola.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Cristiane. **A legitimidade das lutas**: conteúdo e conhecimento da educação física escolar. 2008. 56 f. Monografia (Graduação) – Licenciatura em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ALMEIDA, José J. G. **Disciplina**: luta. Curso de Pós-Graduação. SÃO PAULO (Estado): RedeFor; Campinas: Unicamp, 2012.

AMARAL, Sílvia. C. F. **Disciplina**: eixos temáticos para o ensino médio: mídias; lazer e trabalho. Curso de Pós-Graduação. SÃO PAULO (Estado): RedeFor; Campinas: Unicamp, 2012.

BETTI, Mauro. **Disciplina**: concepção da disciplina educação física na proposta curricular. Curso de Pós-Graduação. SÃO PAULO (Estado): Redefor; Campinas: Unicamp, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: educação física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BREDA, Mauro et al. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DAOLIO, Jocimar. **Disciplina**: do jogo ao esporte coletivo. Curso de Pós-Graduação. SÃO PAULO (Estado): RedeFor; Campinas: Unicamp, 2012.

DEL VECCHIO, Fabrício. B.; FRANCHINI, Emerson. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da Educação Física. In: SOUZA NETO, Samuel; HUNGER, Dagmar. **Formação profissional em educação física**: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioética, 2006.

ESPARTERO, Julián. Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha. In: VILLAMÓN, Miguel (Org.). **Introducción al judo**. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1999. p. 23-54.

FERREIRA, Elizabete et al. Esportes alternativos na escola: intervenção baseada na

proposta de situações-problema. In: XVI SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DA USJT: UNIVERSIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL, 2010, São Paulo. **Anais**... São Paulo: Centro de Pesquisa Usjt, 2010. p. 63-64.

GOMES, Mariana S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas**: contextos e possibilidades. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado, Departamento de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GOMES, Mariana S. P. et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 207-227, abr./jun. 2008.

GOMES, Nathalia C. et al. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 41, p. 305-320, nov. 2013.

HUIZINGA, Johan. **O jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KUNZ, Elenor. Apresentação: pedagogia do esporte, do movimento humano ou da educação física?. In: KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. (Org.). **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 11-22.

LOPES, Raphael G. B. — **Professor, nós vamos brigar na escola? — Não, vamos lutar!.** 2013. 83 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Educação Física Escolar, Departamento de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

MATOS, Juliana M. C. et al. A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.123-148, abr./jun. 2013.

MOREIRA, Evando C.; NISTA-PICCOLO, Vilma L. (Org.). **O quê e como ensinar educação física na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2009.

NASCIMENTO, Paulo R. B. Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XX, n. 31, p. 36-49, dez. 2008.

NASCIMENTO, Paulo R. B.; ALMEIDA, Luciano. A tematização das lutas na educação física escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 91-110, set./dez. 2007.

OLIVEIRA, Érika C. S.; MARTINS, Sueli T. F. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 90-98, abr. 2007.

OLIVIER, Jean-Claude. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RUFINO, Luiz G. B.; DARIDO, Suraya C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, abr./jun. 2012.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo**: linguagens, códigos e suas tecnologias. São Paulo: SEE, 2010.

TREBELS, Andreas H. A concepção dialógica do movimento humano - uma teoria do "se-movimentar". In: KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. (Org.). **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 23-48.

VAGO, T. M. Esporte da escola, esporte na escola: da negação radical à tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 4-17, ago./dez. 1996.

TEACHING OF MARTIAL ARTS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: an experience in basic education

ABSTRACT

Brazilian Physical Education is controversial regarding to its contents: while claiming for several possibilities of themes in one hand, we note that in another hand those which are present in daily lessons are portraits of the area in past decades. The study aims to report possibilities for inclusion of Martial Arts' themes in Physical Education classes for students from the sixth grade in elementary school using games. We proposed a path with four learning situations in which we have sought to understand and experiment the conditional principles of Martial Arts and their classifications by type of contact and distance. It highlights the learning that allowed the interconnection between the know-how and the reasons the making of different problem situations. Furthermore, this essay breaks with some recurring paradigms, such as the issue of violence or the need to be an expert in Martial Arts to address them.

Keywords: Movement Culture; School Physical Education; Martial Arts

ENSEÑANZA DE LAS LUCHAS EN EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ESCUELA: UNA EXPERIENCIA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN

La Educación Física brasileña presenta controversia en cuanto a su contenido: mientras afirma haber varias posibilidades para la tematización, observamos que las que se presentan en las clases diarias son fotografías de la área en las últimas décadas. El estudio tiene como objetivo describir las posibilidades de inclusión de las Luchas en clases de Educación Física para los estudiantes del sexto grado de la escuela primaria a partir de los juegos. Proponemos una ruta con cuatro situaciones de aprendizaje en que tratamos de comprender y experimentar los principios condicionales de las Luchas y sus clasificaciones por tipo de contacto y distancia. Destacamos el aprendizaje que permite la interconexión entre el conocimiento y las razones para hacer diferentes situaciones-problema. Por otra parte, este ensayo rompe con algunos paradigmas recurrentes, como la cuestión de la violencia y la necesidad de ser un experto en Luchas para enseñar.

Palabras clave: Cultura del Movimiento; Educación Física en la Escuela; Lucha

Aprovado em: março/2015
Recebido em: julho/2015